

INFÂNCIA E LITERATURA: TECENDO MEMÓRIAS

Marluce Moraes dos Santos (UNIGRANRIO)

marlucemsantos@hotmail.com

Vera Lucia Teixeira Kauss (UNIGRANRIO)

verakauss@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tratará do tema memorialístico voltado à infância nas narrativas literárias. Nos textos memorialísticos, o autor rememora episódios de seu tempo de criança, revê lugares do seu passado, reencontra pessoas e ressignifica sentimentos e situações vividas em seus primeiros anos de vida. Destaca-se o livro *O Menino e Seu Amigo*, no qual Ziraldo, poeticamente, narra experiências vividas na infância com seu avô e registra a sua reflexão sobre o passado que se faz num diálogo com o presente. A narrativa literária, pela via do texto memorialístico, permite que uma infinidade de vozes que existem dentro do leitor desperte a sua própria memória e dê asas à sua imaginação. Ao encontrar-se com a obra, o ato de ler promove o diálogo entre o lido e o vivido, permitindo que o leitor pense em seu passado e reflita o seu presente.

Palavras-chave: Texto memorialístico. Infância. Literatura. Ziraldo. Leitor.

1- A narrativa memorialística e a infância

A escolha da infância como ponto central da narrativa memorialística é alvo de muitos escritores e aponta a importância dessa fase na sua formação.

[...] a infância é um momento fundador, sendo esses primeiros anos os responsáveis por lapidar, formar o homem e, segundo escritores e estudiosos, esse momento germinal é fonte de matéria para a produção ficcional de diversos autores. Muitos que se tem debruçado sobre a relação estabelecida entre a produção literária e a infância de um escritor evidenciam essa ligação entre o passado (infância) e o presente (produção ficcional). (LATINO & ROCHA, 2009, p. 1076)

Ao decidir contar suas experiências de criança, o escritor revive momentos significativos do seu passado, o que lhe dá a possibilidade de refletir sobre eles. Ao rememorar episódios que deles fizera parte, sejam pessoais, familiares ou sociais, o escritor constrói suas narrativas das situações vividas pela criança de ontem no adulto de hoje.

Sabe-se que a memória é atributo pessoal e a rememoração varia no ato de narrativa segundo as questões do momento. Também se sabe que a memória é fluida, diversificada e que se altera de acordo com a força ou a timidez diante do que está sendo narrado. (MEIHY, 2015)

A memória grava, exclui, relembra, portanto, não guardamos tudo, visto que a memória é sempre seletiva. Sendo assim, o escritor adulto registra o que o escritor criança reteve na memória e, quando surgem as lacunas, está livre para completá-las com aquilo que não aconteceu, mas que poderia ter acontecido (aristotelicamente falando).

Para a literatura é de se esperar lances emocionantes, surpresas e até apo-teoses. Na literatura não há lapsos ou vazios. A literatura tem horror ao nada e à falta de conexão. [...] A literatura completa os espaços mais livremente, com personagens e fatos que poderiam ter existido. (MEIHY, 1992, p. 62-63)

Segundo Aristóteles (2000, p. 200), “a epopeia, a tragédia, assim como a poesia são, em geral, imitações”. O filósofo, então, propõe dois campos: o do que realmente aconteceu e, nesse caso, a história é realmente *mimesis*, representação das ações humanas e um segundo campo: o do mundo das possibilidades, ou seja, da arte. Ao tratar da poesia, trabalha com o possível, com aquilo que poderia ter acontecido. (ARISTÓTELES, 2000; BOSI, 1993)

O texto literário memorialístico percorre os fatos e as fantasias, caminha pelo real e pela imaginação, podendo se apresentar em verso ou prosa, constrói a narrativa do escritor tanto pela capacidade de rememorar o passado quanto de acrescentar elementos fantasiosos ao que se lembra. Sobre esse assunto, o crítico literário Antonio Candido comenta que alguns livros, qualificados de autobiografias poéticas e ficcionais, por utilizar recursos característicos da ficção e da poesia, parecem produto da imaginação, ainda quando não acrescentem elementos imaginários à realidade.

[...] apesar das diferenças, eles têm um substrato comum, que permite lê-los reversivelmente como recordação ou como invenção, como documento da memória ou como obra criativa, numa espécie de dupla leitura, ou leitura “de dupla entrada”, cuja força, todavia, provém de ser ela simultânea, não alternativa. (CANDIDO, 1989, p. 54)

2- Infância e memória em Ziraldo

No livro “*O Menino e o Seu Amigo*”, Ziraldo retorna ao seu passado e narra a lembrança das experiências vividas pelo autor com seu avô.

Os avós aparecem em muitas narrativas memorialísticas, quase sempre como as pessoas que estabelecem vínculos afetivos marcantes na infância, aquelas que também se configuram formadores do caráter do

escritor-adulto. Deve ser porque são grandes memorialistas e ficcionistas também. Eles sabem bem que a existência humana é temporária, frágil e incompleta, sendo assim, aproveitam para proporcionar experiências de vida a seus netos, que serão como fios tecidos em suas memórias.

Nesse texto memorialístico, Ziraldo recria poeticamente para o leitor paisagens, pessoas e detalhes dos momentos vividos com seu avô.

Andando
pelos caminhos
– desce morro,
beira rio –
e sem dizerem
palavra
o menino e seu amigo,
sem palavra se entendiam.
Ele falava tão pouco
aquele
homem comprido
de grandes
bigodes brancos...
Às vezes
contava casos
com silêncios
bem mais longos
do que a história
que contava
como se entre as frases
houvesse o pote
de mel
que adoça a memória.

Ao narrar em 3ª pessoa essas vivências, o autor tece considerações acerca das percepções do menino Ziraldo, colocando a criança à distância, como se fosse outro. O narrador-adulto, em momento algum, vocaliza a criança, ele reconstrói o menino e o avô de suas memórias de infância, agora como personagens da história.

O menino também
não perguntava por que
no finzim da madrugada
antes de vir o dia
aquele homem calado
tocava de leve seu ombro
e dizia: “Acorda, rapaz,
vem ver o dia nascer”.
Lá iam eles: a dupla
como se fossem iguais.
E era assim que o menino

ao seu lado se sentia
pois a única diferença
para ele, percebida,
é que o sol, que nascia,
chegava primeiro aos olhos
do homem, postos lá em cima.
“Sobe aqui nos meus ombros,
para o sol chegar primeiro
pra você do que para mim.”
E o menino se esqueceu
– de lembrar-se até queria –
de perguntar para o homem
por que ele, de presente,
lhe dava o sol, todo o dia.

No entanto, no final do texto, ao se revelar ser aquele menino da narração, apresenta-se também como aquele que é avô no presente. Nessa escrita memorialística, dois tempos aparecem: o tempo da narrativa e o tempo do narrado. O poeta reconstrói as experiências familiares de sua infância e as relaciona com o momento presente que vive.

Chegou a hora, meninos!
Chegou a hora, meninas,
de contar para vocês
que quem lhes conta
esta história
é o menino da história.
Agora
esse menino cresceu
e tanto tempo passou
que o menino, também,
virou avô.
E aqui está ele
caminhando na calçada
da praia de areia branca
da cidade muito grande
que estava além dos seus sonhos.

À sua frente caminha
a neta
– também, como ele, chegada
primeiro, ao mundo dos netos
– indo a caminho do mar.

Ziraldo, ao concluir sua narrativa poética, registra a sua reflexão sobre o passado que se faz num diálogo com o presente. Só agora, no momento da escrita memorialística, percebe o grande amor que seu avô sentia por ele.

Lá vai a neta faceira,
com seu balde, seu sorvete,
seu maiô de duas peças,
seu poder de decisão,
como ele ia para o rio
com uma vara de pescar
seu saquinho de minhocas
suas broas no embornal,
sua plena confiança.

E o novo avô dessa história
ouve o renascer dos passos
do menino que ele foi.
E, num gesto repetido,
pousa sua mão – capacete –
sobre a cabecinha quente
da menina, exposta ao sol.
E, olhando para a neta,
que vai enfrentando as ondas
do mar aberto à sua frente,
ele faz a descoberta
do que descoberto estava:
“Deus do Céu!
Como o meu avô me amava!”

3- O texto memorialístico e o leitor

Os textos literários memorialísticos são narrados buscando expressar os sentimentos de alegria, paixão, tristeza, frustração, surpresa e desapontamento, que marcaram o autor no episódio vivido.

O leitor, por sua vez, não é uma página em branco em que se imprime o texto. Ao encontrar-se com a obra, traz junto de si suas experiências de vida, suas memórias, suas expectativas, sua leitura de mundo.

As narrativas memorialísticas levam o leitor a retornar à sua infância, à casa onde morou, às lembranças de seus pais e de seus avós, às recordações dos amores proibidos que viveu ou gostaria de ter vivido, às situações embaraçosas que passou e que, hoje, são motivos de riso. Por certo, durante a leitura, uma infinidade de vozes que existem dentro de si despertará a sua própria memória, “um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente”. (NORA, 1993, p. 17 *apud* GONÇALVES; OLIVEIRA & MEIRY, 2016, p. 197)

Apesar de haver uma leitura do autor e outra do leitor, o diálogo entre eles não termina nunca. Ele vai se completando, se ampliando, se

refazendo a cada nova leitura, então, nas palavras do escritor, o leitor faz nascer seu próprio texto.

Ao conferir sentido ao texto, é importante ressaltar que não existe um único jeito de ler e de entender a obra, pois seria o mesmo que considerar que só há uma forma de olhar para o mundo e de viver nele, no entanto, toda obra é singular na atribuição de sentido que o leitor lhe dá. Obra e leitor vão se completando, de maneira única e particular, à medida que aquele que lê se apropria do texto e nele realiza intervenções.

O texto, portanto, não é obra acabada, à medida que vai sendo lido, vai sendo completado pelas intervenções do leitor, no entanto, enquanto é completado, age no leitor a fim de alterá-lo. É na intersubjetividade que os homens são constituídos.

Nesse pensar, Michèle Petit declara:

De um modo mais abrangente, mesmo que a leitura não faça de nós escritores, ela pode, por um mecanismo parecido, nos tornar mais aptos a enunciar nossas próprias palavras, nosso próprio texto, e a ser mais autores de nossas vidas. Nessa leitura, o escritor e o leitor constroem-se um ao outro; o leitor desloca a obra do escritor, e o escritor desloca o leitor, às vezes revelando nele um outro, diferente do que acreditava ser. (PETIT, 2009, p. 37)

O texto literário é praticamente inesgotável, mesmo os menores podem suscitar amplas reflexões e entendimentos totalmente imprevisíveis. Nesse sentido, Luiz Antônio Marcuschi (2003) declara que a leitura é um processo inferencial que não produz compreensões definitivas e acrescenta:

Os conhecimentos individuais afetam decisivamente a compreensão, de modo que o sentido não reside no texto. Assim, embora o texto permaneça como o ponto de partida para a sua compreensão, ele se tornará uma unidade de sentido na interação com o leitor. (MARCUSCHI, 2003, p. 96).

4- Considerações finais

A infância é repleta de momentos lúdicos, de imagens marcantes e alegres, mas também de situações embaraçosas, de momentos constrangedores, que lembrados, depois de anos, tornam-se motivo de riso. Talvez devesse inspirar compreensão e piedade em vez de humor, mas quem não se lembra de um “pequeno ridículo” pelo qual passou? Tais recordações estão presentes na memória de quem as viveu.

Somos capazes de lembrar detalhes de uma situação, de um objeto, de uma pessoa, dependendo da significância que lhes damos. A lembrança de momentos vividos com os avós, como o texto “O menino e seu amigo” de Ziraldo, costuma ser tema bem presente nas narrativas memorialísticas de infância.

A leitura, em especial de textos literários memorialísticos, instiga as memórias do leitor, dá asas à imaginação, permite recordar e, ao mesmo tempo, sonhar com novas possibilidades, leva o sujeito a pensar em seu passado e refletir o seu presente, enfim, o ato de ler promove o diálogo entre o leitor e a obra, entre o lido e o vivido, capacitando o indivíduo a compreender-se mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. São Paulo: Difusão Europeia, 2000.

BOSI, Alfredo. Lógica das diferenças e políticas das semelhanças da literatura que parece história ou antropologia, e vice-versa. In: CHIAPPINI, Ligia; AGUIAR, Flávio Wolf de. (Org.). *Literatura e História na América Latina*: Seminário Internacional, 9 a 13 de setembro de 1991. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1993.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

GONÇALVES, Carla; OLIVEIRA, Joaquim; MEIHY, José. Heróis e/ou vilões olímpicos: duas faces da mesma moeda. In: RUBIO, Katia. (Org.). *Narrativas biográficas: da busca à construção de um método*. São Paulo: Laços, 2016.

LAITANO, Paloma Esteves; ROCHA, Noelci Fagundes da. *As pequenas memórias na ficção de José Saramago: a recordação da infância como matéria literária*. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/ivmostra/iv_mostra_pdf/letras/72189-paloma_esteves_laitano.pdf>. Acesso em: 08-06-2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Leitura como processo inferencial num universo cultural-cognitivo. In: BARZOTTO, Valdir Heitor. (Org.). *Estado de leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Prostituição à brasileira: cinco histórias*. São Paulo: Contexto, 2015. Disponível em:

<<https://books.google.com.br/books?isbn=857244906X>>. Acesso em: 08-06-2017.

_____. História não é literatura. *Revista de la APEESP*, São Paulo, n. 4, p. 49-73, jul/dez. 1992.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Trad.: Celine Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

PINTO, Ziraldo Alves. *O menino e seu amigo*. São Paulo: Melhoramentos, 2005.